

Artigo

**A UTILIZAÇÃO DOS EPI E A HIGIENIZAÇÃO SIMPLES DAS MÃOS PELOS
PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM**

THE USE OF IPE AND HYGIENE OF HANS BY NURSING PROFESSIONALS

Diana Maiza Amaro Ventura¹
Kamila Nethielly Souza Leite²
Talita Araujo de Souza³
Bruno Bezerra do Nascimento⁴
Sheila da Costa Rodrigues Silva⁵
Maria Helena Rodrigues Galvão⁶

RESUMO - O uso de EPI e a higienização das mãos são os principais métodos de segurança para o profissional e paciente para prevenção da infecção hospitalar como também para melhorar a qualidade do serviço da saúde. O estudo objetivou desta pesquisa foi explicar a utilização dos equipamentos de proteção individual pelos profissionais e a lavagem básica das mãos na assistência de enfermagem. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo com abordagem quantitativa e qualitativa. A pesquisa foi realizada no Hospital Regional Weceslau Lopes localizado na cidade de Piancó- PB, nos meses de setembro e outubro de 2016. A amostra constituiu-se de 46 profissionais, entre técnicos de enfermagem e enfermeiros. Os dados foram coletados e analisados

¹ Enfermeira pelas Faculdades Integradas de Patos. E-mail: dianamaisa@hotmail.com

² Enfermeira. Docente das Faculdades Integradas de Patos. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPB. Doutoranda em Pesquisa em Cirurgia pela Faculdade de Ciência Médicas da Santa Casa de São Paulo. E-mail: ka_mila.n@hotmail.com

³ Enfermeira. Especialista em Urgência, Emergência e UTI pelas FIP. Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: talitaaraujo23@hotmail.com

⁴ Enfermeiro. Especialista em Urgência, Emergência e UTI pelas FIP. E-mail: brunobezerrah@gmail.com

⁵ Enfermeira. Docente das Faculdades Integradas de Patos. Mestre em Saúde Coletiva pela Faculdade Católica de Santos. Doutoranda em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciência Médicas da Santa Casa de São Paulo. E-mail: seilarodrigo@hotmail.com

⁶ Cirurgiã Dentista. Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: mhrgalvao@gmail.com



Artigo

estatisticamente, os resultados obtidos foram expressos através de tabelas de frequências para melhor compreensão e analisados à luz da literatura. Em relação aos dados sócio-demográficos, verificou-se que a maioria dos profissionais tinha idade entre 21 e 30 anos, eram casados, possuíam ensino médio completo e renda de um salário mínimo. Quanto aos dados objetivos do estudo, a maioria dos profissionais relatou lavar as mãos todas as vezes que realizava procedimentos no paciente, que eram disponibilizados materiais de higienização simples para os profissionais assim como produtos para higienização das mãos diariamente, e que os próprios profissionais realizam a higienização de forma correta. Em relação à utilização de EPI, os profissionais relataram sempre usar nos procedimentos realizados no paciente e no preparo e administração de medicamentos, os EPI mais utilizados eram toucas, luvas e máscaras simples, e que os mesmos eram fornecimento de EPI pela instituição. Diante de todo o exposto desta pesquisa, evidencia-se a preocupação dos poucos profissionais no tocante ao uso dos EPI e a higienização das mãos, e espera-se, com este estudo, reforçar para os enfermeiros e técnicos a importância dos mesmos, no tocante a prevenção da infecção hospitalar, e para proteção da saúde do profissional e do paciente.

Palavras-chave: EPI. Higienização das mãos. Biossegurança. Enfermagem.

ABSTRACT - The use of IPE and hygiene of the hands are the main methods of security for professional and patient to hospital infection prevention but also to improve the quality of the health service. The objective of this research was to demonstrate the use of individual protection equipment by professionals and basic washing of hands on nursing care. This is a descriptive-exploratory study with quantitative and qualitative approach. The survey was conducted in Weceslau Lee Regional Hospital located in Piancó-PB, in the months of September and October 2016. The sample consists of 46 professionals, between nursing technicians and nurses. The data were collected and analysed, the results obtained were expressed through frequency tables for better understanding and analysed in the light of literature. With regard to socio-demographic data, it was found that most professionals had aged 21 and 30 years, were married, had full secondary education and income of a minimum wage. As for the data of the study objectives, most professionals reported washing their hands every time they performed procedures in the patient, they were simple hygiene materials availability for



Artigo

professionals as well as products for sanitizing hands daily, and the delivers the proper hygiene. In relation to the use of EPI, reported use in procedures performed on the patient and in the preparation and administration of medicines, more IPE used were shower caps, gloves and simple masks, and that they were providing IPE by the institution. It was noted that it was the infrequent occurrence patients with some type of infection acquired in the hospital. Before all the above research, shows the concern of professionals concerning the use of PPE and hygiene of the hands, and hopefully, with this study, strengthen for nurses and technicians the importance thereof, with regard to prevention of nosocomial infection, and for health protection of the professional and the patient.

Keywords: IPE. Hygiene of hands. Biosecurity. Nursing.

INTRODUÇÃO

O cuidado em saúde deve ser conduzido com consciência, responsabilidade profissional e compromisso assumido para com o outro, no zelo de sua saúde e segurança, livre de danos evitáveis, como determinam os códigos de ética das profissões da área da saúde (SOUZA et al., 2015).

Segundo a Portaria n. 2.616/1998 (BRASIL, 1998 apud REIS 2014), infecção hospitalar é aquela adquirida após a admissão do paciente e que se manifeste durante a internação ou após a alta, quando puder ser relacionada com a internação ou procedimentos hospitalares. As infecções hospitalares começaram a ocorrer na assistência em saúde a partir da criação de instituições destinadas a tratar os indivíduos, assim como pela implementação de procedimentos terapêuticos e diagnósticos progressivamente mais invasores (GIAROLA et al., 2012).

O papel da enfermagem no controle da infecção hospitalar (IH) está presente desde suas primeiras descobertas. Florence Nightingale já apresentava preocupação com essa problemática e durante a Guerra da Criméia padronizou procedimentos de cuidados de enfermagem voltados à higiene e limpeza dos hospitais, introduzindo principalmente técnicas de anti-sepsia, com a finalidade de diminuir os riscos desse tipo de infecção. A Enfermagem é a categoria mais envolvida com os cuidados ao paciente, direta ou indiretamente, e, conseqüentemente, com a profilaxia e controle de infecções



Artigo

relacionadas á assistência, em que a higiene das mãos tem um papel importante (GIAROLA et al., 2012).

Nesse contexto, o cumprimento das precauções padrão (PP) torna-se uma importante estratégia para a proteção de usuários e profissionais. Em face de seu risco biológico para os usuários e para os profissionais, dentre as PPs recomendadas pelos Centers for Disease Control and Prevention (CDC), têm-se a higienização das mãos (HM) e o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) como luvas, máscara, avental, gorro, sapato fechado e óculos protetores (REZENDE et al., 2012)

De acordo com Rezende et al. (2012), as PPs foram instituídas com o objetivo de minimizar o risco biológico mediante a aplicação de um conjunto de medidas a serem adotadas pelo profissional de saúde na assistência a todos os usuários - independentemente do estado presumível de infecção - e no manuseio de equipamentos e artigos contaminados ou sob suspeita de contaminação.

Contudo, quanto aos serviços de saúde, não basta atender integralmente às exigências oficiais, pois a promoção da higienização das mãos depende de estratégias multimodais baseadas em, ao menos, cinco componentes, tais como a educação permanente dos profissionais da saúde, a monitorização sistemática das práticas relativas a este procedimento e a realimentação deste desempenho aos profissionais da saúde, instalação de lembretes de promoção à higienização das mãos localizados em pontos estratégicos nas unidades, adoção de um clima institucional seguro e recorrer ao uso das preparações alcoólicas como procedimento padrão para a higienização das mãos (PRADO; HARTMANN; TEIXEIRA FILHO, 2013).

Os enfermeiros fundamentam-se no conhecimento científico e acreditam que medidas simples de biossegurança, como a lavagem das mãos e o uso de EPIs, são fundamentais para a realização dos procedimentos, haja vista que essas medidas eliminam a maioria dos microrganismos causadores de infecções e ao mesmo tempo protegem o profissional contra riscos químicos, físicos e biológicos existentes no ambiente hospitalar (VALLE et al., 2012).

A legislação sobre a saúde do trabalhador no Brasil garante o fornecimento gratuito de EPI adequado ao risco e em perfeito estado de conservação e funcionamento, cabendo ao empregador orientar e treinar o trabalhador sobre o uso adequado, guarda e conservação, e exigir seu uso (REZENDE et al., 2012)

O maior índice de morte no âmbito da saúde é causado por infecções hospitalares, se tornando um dos maiores problemas. O uso de EPI e a higienização das



Artigo

mãos são os principais métodos de segurança para o profissional e paciente como também para melhorar a qualidade do serviço da saúde. A OMS alerta que os profissionais da saúde devem ter ciência de que luvas não oferecem proteção completa contra a contaminação, razão justifica-se a importância da correta higienização das mãos e a utilização dos EPI pelos profissionais da área da saúde, especialmente, os técnicos e enfermeiros que são os que mais estão em contato com o paciente. O objetivo desta pesquisa foi esclarecer a importância da utilização dos equipamentos de proteção individual pelos profissionais e a lavagem básica das mãos na assistência de enfermagem.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo com abordagem quantitativa. Os estudos descritivo-exploratórios são pesquisas que coletam descrições detalhadas de variáveis, utilizam os dados para justificar e avaliar as condições e práticas existentes ou sugerir planos para melhorar a atuação profissional na atenção à saúde (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001; MINAYO, 2006).

A pesquisa foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2016 no Hospital Regional Weceslau Lopes, localizado na cidade de Piancó, estado da Paraíba.

O universo populacional correspondeu a 50 profissionais de enfermagem do Hospital Regional de Piancó, e a amostra da pesquisa foi constituída por 46 profissionais de enfermagem compostos por técnicos e enfermeiros. Os critérios de inclusão foram os profissionais de enfermagem que trabalham há mais de um ano no hospital, e como critérios de exclusão foram retirados da pesquisa os profissionais que se recusaram a assinar o TCLE.

Utilizou-se para coleta de dados um questionário estruturado, que se caracteriza como uma técnica de fácil obtenção de dados onde são formuladas questões previamente elaboradas (PRESTES, 2008). Este foi dividido em dois itens: identificação e aspectos sócio-demográficos e dados relacionados ao objeto de estudo da pesquisa. A coleta de dados foi realizada na instituição hospitalar com duração média de 15 minutos.

Após a coleta de dados os mesmos foram analisados estatisticamente de acordo com as variáveis quantitativas. E os resultados obtidos foram expressos através de



Artigo

tabelas de frequências para melhor compreensão. O desenvolvimento deste estudo respeitou os pressupostos da Resolução 466/2012 que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos, normatizada pelo Conselho Nacional de Saúde, desta forma garantindo o anonimato dos participantes deste estudo (BRASIL, 2012). Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Patos – FIP, sob o número de protocolo CAAE: 56155316.8.0000.5181.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Distribuição da amostra quanto à caracterização dos dados sócio demográficos.

FAIXA ETÁRIA	PERCENTUAL (%)
21 a 30 anos	45.6% (21)
31 a 40 anos	36.9% (17)
41 a 60 anos	17.3% (8)
ESTADO CIVIL	PERCENTUAL (%)
Solteiro (a)	30,4% (14)
Casado(a)	63% (29)
União estável	6,5% (3)
ESCOLARIDADE	PERCENTUAL (%)
Ensino Médio Completo	52,2% (24)
Ensino Superior Completo	47,8% (22)
RENDA SALARIAL	PERCENTUAL (%)
1 salário mínimo	60,8% (28)
2 a 3 salários mínimos	30,4% (14)
3 a 4 salários mínimos	2,17% (1)
Mais de 4 salários mínimos	6,5% (3)

Fonte: Entrevistados da pesquisa, Piancó-PB, 2016.

O total de enfermeiros que participaram da pesquisa foram 14 (30,4%) e 32 (69,6%) técnicos de enfermagem. De acordo com a tabela 1, nota-se que os profissionais entrevistados tem idade entre 21 a 30 anos (45.6%, n=21), 31 a 40 anos



Artigo

(36,9%, n=17) e 41 a 60 anos (17,3%, n=8). Em relação ao estado civil, a maioria são casados (63%, n=29), tendo também solteiros (30,4%, n=14) e profissionais em união estável (6,5%, n=3). Quanto ao grau de escolaridade, a maioria possui o ensino médio completo (52,2%, n=24) e a minoria o ensino superior completo (47,8%, n=22). Sobre a renda, os profissionais relataram ter 1 salário mínimo (60,8%, n=28), 2 a 3 salários mínimos (30,4%, n=14), 3 a 4 salários mínimos (2,17%, n=1) e mais de 4 salários mínimos (6,5%, n=3).

Este estudo tem concordância com o de Oliveira (2013), pois o mesmo constatou em sua pesquisa que a maioria dos profissionais de enfermagem era constituída por profissionais técnicos, a maioria de nível médio, e que esse dado também era observado em outros estudos no Brasil.

Durante a graduação é o melhor momento para formar uma consciência crítica acerca do controle de infecção nos futuros profissionais. Estudos apontam para a necessidade da inserção do tema infecção hospitalar (IH) nas grades curriculares (GIAROLA, 2012).

Os profissionais de enfermagem, por questões de baixo salário no mercado de trabalho, assumem jornadas duplas ou triplas de trabalho, colocando em risco sua própria vida e as condições de saúde, além de resultar no inevitável quadro de desinteresse e afastamento das causas sociais que envolvem o exercício profissional (SILVA, 2013).

Tabela 2 – Frequência da lavagem das mãos no ambiente de trabalho.

Frequência da lavagem das mãos	PERCENTUAL (%)
Somente ao chegar e sair do plantão.	0% (0)
Todas as vezes que realiza procedimentos no paciente.	63% (29)
Ao chegar no plantão, ao realizar procedimentos e administração de medicações e ao término do plantão.	39,9 (17)

Fonte: Entrevistados da pesquisa, Piancó-PB, 2016.



Artigo

De acordo com a tabela 2, vê-se que o maior índice encontrado para a frequência da lavagem das mãos foi para todas as vezes que realiza procedimentos no paciente (63%, n=29). Os entrevistados ainda relataram que lavam as mãos ao chegar ao plantão, ao realizar procedimentos e administração de medicações e ao término do plantão (39%, n=17). Nenhum profissional relatou lavar as mãos somente ao chegar e ao sair do plantão.

As mãos dos profissionais de saúde representam um dos principais mecanismos de transmissão da infecção hospitalar (IH). O ato de lavar as mãos com água e sabão antisséptico antes e após o contato e a realização de procedimentos no paciente é a medida comprovadamente mais eficaz para a prevenção da infecção hospitalar (IH), e tem como objetivo remover sujidade, material orgânico e/ou microrganismos, prevenindo sua transmissão cruzada.

Sabe-se que a lavagem das mãos deve ser feita no início do plantão, antes e depois de propedêuticas e entre os procedimentos, quando realizados no mesmo paciente, ou não. A higienização deve ser feita sempre que as mãos apresentarem sujidades visíveis, antes e depois do contato com pacientes, após contato com fluidos corporais, mucosas, remoção de luvas, pele lesada e objetos que possam estar contaminados (SILVA et al., 2012).

Neste contexto, realizar a higienização das mãos durante a prática profissional em saúde ao paciente criticamente enfermo contribui para a prevenção de infecções respiratórias agudas (IRAS) por se constituir em oportunidade de interrupção da principal forma de transmissão de patógenos, qual seja o contato direto entre o cuidador, o paciente e o ambiente de assistência (BATHKE et al., 2015).



Artigo

Tabela 3 – Higienização das mãos: Produtos, disponibilidade e realização da lavagem.

Disponibilidade materiais de higienização simples para os profissionais	PERCENTUAL (%)
Sim	97,8% (45)
Não	2,17% (1)
Produtos para higienização das mãos diariamente.	PERCENTUAL (%)
Sim	93.47% (43)
Não	2.17% (1)
Às vezes	4,3% (2)
Realização da higienização de forma correta.	PERCENTUAL (%)
Sim	91.3% (42)
Não	6.5% (4)

Fonte: Entrevistados da pesquisa, Piancó-PB, 2016.

À luz da tabela 3, podem-se ver os percentuais encontrados para as características relacionadas à higienização das mãos: produtos, disponibilidade e realização da lavagem. A maioria dos entrevistados relatou que há a disponibilidade de materiais de higienização simples das mãos para os profissionais (97,8%, n=45), porém outros profissionais relataram que não há (2,17%, n=1). Em relação aos produtos disponibilizados diariamente, a maioria dos profissionais relatou que há a disponibilidade (93.47%, n=43), outros que não (2.17%, n=1), e alguns ainda relataram às vezes (4,3%, n=2). Quando questionados se realizavam a higienização das mãos de maneira correta, a maioria respondeu que sim (91.3%, n=42), porém uma pequena parcela respondeu que não (6.5%, n=4).

A higienização das mãos trata-se do procedimento mais importante na prevenção e controle das infecções nosocomiais. A simples ação de esfregar as mãos com água e sabão, visando à remoção de bactérias, células descamativas, suor, sujidades e diminuição da oleosidade da pele, ou seja, remover microbiota transitória e baixar a contagem da permanente é uma das ações que mais reduzem os níveis de infecção hospitalares. Os dados da pesquisa são satisfatórios, pois nota-se que o serviço dispõe de materiais para a realização da HM e que os profissionais a realizam de forma correta.



Artigo

O processo em questão tem o objetivo de reduzir a transmissão de micro-organismos pelas mãos, prevenindo as infecções; mas sua eficácia, entretanto, depende de variáveis, como a duração, o emprego da técnica adequada, acesso à água corrente e outros (SILVA et al., 2012).

A técnica correta, quando realizada pelos profissionais de saúde e empregada em sua rotina de trabalho, pode se tornar uma poderosa ferramenta de prevenção na luta contra infecção hospitalar (SILVA et al., 2012).

A higienização pode ocorrer de quatro maneiras: higienização simples das mãos (com água e sabão); higienização antisséptica das mãos; fricção antisséptica das mãos (desde que não haja sujidade visível) e antisepsia cirúrgica das mãos (SOUZA et al., 2015).

Tabela 4 – Distribuição da amostra quanto aos questionamentos sobre EPI, produtos utilizados e disponibilidade pela instituição.

Utilização de EPI nos procedimentos realizados no paciente e no preparo e administração de medicamentos.	PERCENTUAL (%)
Sempre	76% (35)
Às vezes	21.7% (10)
EPI utilizados.	PERCENTUAL (%)
Touca	67.3% (31)
Luva	84.7% (39)
Máscara simples	84.7% (39)
Fornecimento de EPI pela instituição.	PERCENTUAL (%)
Sempre	78.2% (36)
Diariamente	19.5% (9)

Fonte: Entrevistados da pesquisa, Piancó-PB, 2016.

De acordo com o gráfico 4, nota-se que a maioria (76%, n=35) relatou sempre utilizar os EPI nos procedimentos realizados no paciente e no preparo e administração de medicamentos, e a outra parcela (21.7%, n=10) relatou que às vezes faz esse uso. Em relação à quais EPI eram utilizados, os entrevistados relataram o uso de toucas (67.3%, n=31), luvas (84.7%, n=39) e máscara simples (84.7%, n=39). Quanto ao fornecimento



Artigo

de EPI pela instituição, a maioria dos profissionais relatou que os mesmos sempre eram fornecidos (78.2%, 36), e os outros que eram distribuídos diariamente (19.5%, 9).

Os EPI são todos os dispositivos que envolvem o uso individual no ambiente de trabalho, destinado exclusivamente a proteção de riscos que podem ameaçar ou colocar em risco a segurança e a saúde do trabalhador. Os dados encontrados são satisfatórios, pois a maioria dos entrevistados relatou sempre usar os EPI e que os mesmos sempre são disponibilizados pela instituição.

O trabalhador de enfermagem deve proteger-se sempre que tiver contato com material biológico, incluído também durante assistência cotidiana aos pacientes, independente de chegar a conhecer ou não o diagnóstico. Estudos já mostraram que as maiores causas de acidentes entre trabalhadores de enfermagem acontecem por meio das práticas de risco como o descarte inadequado com objetos perfurocortantes, reencape de agulhas, e a falta de adesão aos Equipamentos de Proteção Individual na realização de procedimentos com pacientes e preparo de medicações (SILVA, 2013).

Vale salientar que, nesses casos, a legislação NR32/2005 protege o trabalhador por assegurar que os EPIs devem estar à disposição em número suficiente nos postos de trabalho, de forma que seja garantido o imediato fornecimento ou reposição (BRASIL, 2005).

Destaca-se ainda que os percentuais não corresponderam a totalidade de 100% porque muitos profissionais marcaram mais de uma opção.

Tabela 5 – Frequência de infecção adquirida no hospital.

Frequência de pacientes com algum tipo de infecção adquirida no hospital.	PERCENTUAL
Muito frequente	10.8% (5)
Razoavelmente frequente	17.3% (8)
Pouco frequente	69.5% (32)

Fonte: Entrevistados da pesquisa, Piancó-PB, 2016.

Em relação à frequência de pacientes com algum tipo de infecção adquirida no hospital, a maioria relatou que a mesma era pouco freqüente (69.5%, n=32), porém, outros profissionais relataram que a mesma era muito freqüente (10.8%, n=5) e razoavelmente frequente (17.3%, n=8).



Artigo

A infecção hospitalar (IH) é um processo infeccioso adquirido no ambiente hospitalar e, na maioria das vezes, sua ocorrência se dá por fatores evitáveis, por exemplo, pela lavagem inadequada das mãos, manuseio de materiais e realização de técnicas desrespeitando os princípios de assepsia e falta de controle rigoroso no processamento dos materiais esterilizados, desde a lavagem até armazenamento e distribuição dos mesmos. A pesquisa mostra um dado satisfatório em relação à sua ocorrência, pois a maioria dos profissionais relatou que a mesma era pouco freqüente.

A literatura aponta que uma das questões relativa ao tema pauta-se, especialmente, na responsabilidade dos profissionais e das instituições de saúde, com repercussões penais, civis e éticas. Isto porque, por vezes, a IH é decorrente de atos falhos cometidos pelos profissionais (GIAROLA, 2012).

Sendo assim, para profissionais atuantes na área de saúde, o uso do EPI e a higienização das mãos deve ser indispensável, pois além de prevenir a contaminação de pacientes através da infecção cruzada, garante a própria segurança (PINEL; GONÇALVEZ; CRUZ, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto desta pesquisa, evidencia-se a preocupação dos profissionais no tocante ao uso dos EPI e a higienização das mãos, visto que a maioria dos entrevistados lava as mãos todas as vezes que realiza procedimentos no paciente e a faz de maneira correta, que sempre usam equipamentos de proteção individual e que a ocorrência de infecção hospitalar na instituição da pesquisa é pouco freqüente.

É importante considerar que o profissional de saúde é comprometido com a realização de procedimentos sempre seguros que visem ao bem-estar do cliente atendido, mostrando mais uma vez a satisfação com os dados achados no estudo.

O profissional enfermeiro é visto como o principal responsável pelo papel educativo de toda a equipe de saúde, considerando o melhor vínculo com a equipe, assim como sua supervisão contínua, tendo como funções planejar, implementar e participar dos programas de formação, qualificação contínua e promoção da saúde dos trabalhadores. Uma importante estratégia para implementar e melhorar os poucos índices encontrados na pesquisa, seria a educação em saúde contínua para os



Artigo

profissionais, ressaltando sempre a importância do uso do equipamento de proteção individual e da realização da higienização das mãos.

Espera-se com este estudo reforçar para os enfermeiros e técnicos a importância do uso de EPI e a da higienização das mãos, no tocante a prevenção da infecção hospitalar, e para proteção da saúde do profissional e do paciente.

REFERÊNCIAS

BATHKE, J. et al. Infraestrutura e adesão a higienização das mãos: desafios à segurança do paciente. **Rev. GauchaEnferm.** v.34, n.2, p.78-85, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n2/v34n2a10.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional De Saúde. Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre pesquisas e testes envolvendo seres humanos.** Brasília: Diário Oficial da União, 2012.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria nº485, de 11 de novembro de 2005. **Aprova a Norma Regulamentadora nº 32. Segurança e Saúde no Trabalho em Estabelecimentos de Saúde.** Brasília (BR): Ministério do Trabalho e Emprego; 2005.

GIAROLA, L.B. et al. Infecção Hospitalar na perspectiva dos profissionais de Enfermagem: um estudo bibliográfico. **Cogitare Enferm.** v.17, n.1, p.151-7, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/26390/17583>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. **Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica, utilização.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 9.ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

OLIVEIRA, A.C. et al. Desafios e perspectivas para a contenção da resistência bacteriana na óptica dos profissionais de saúde. **Rev. Eletr. Enf.** v.15, n.15, p.747-54,



Artigo

jul./set. 2013. Disponível em: <
https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n3/pdf/v15n3a17.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2016.

PINEL, J.S.; GONÇALVEZ, J.B.; CRUZ, A.C. Educação continuada: importância do uso de EPI durante manipulação de pacientes em precaução de contato. **Rev. pesq.: cuid. fundam. online**. v.2, n. supl., p.829-831, out./dez., 2010. Disponível em: <
http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1149/pdf_294>. Acesso em: 20 out. 2016.

PRADO, M.F; HARTMANN, T.P.; TEIXEIRA FILHO, L.A. Acessibilidade da estrutura física hospitalar para a prática de higienização das mãos. **Esc Anna Nery**. v.17, n.2, p.220-226, abr-jun, 2013

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. 3. ed. São Paulo: Rêspel, 2008.

REIS, U.O. Controle da infecção hospitalar no centro cirúrgico: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enferm.** Salvador, v.28, n.3, p.303-310, set./dez. 2014.

REZENDE, K.C.A. et al. Adesão à higienização das mãos e ao uso de equipamentos de proteção pessoal por profissionais de enfermagem na atenção básica em saúde. **Cienc Cuid Saude**. v.11, n.2, p.343-351. 2012. Disponível em:<
<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/15204/pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

SILVA, J.L. et al. Conhecendo as técnicas de higienização das mãos descritas na literatura: refletindo sobre os pontos críticos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**. v.14, n.1, p.81-93, 2012. Disponível em: <
<http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/3413>>. Acesso em 25 out. 2016.

SILVA, G.A. Uso dos equipamentos de proteção individual (EPI) pela equipe de enfermagem em hospitais: uma revisão. **Artigo apresentado ao curso de Especialização em Ergonomia, Saúde e Trabalho da Universidade Cruzeiro do Sul**. Goiânia-GO, 2013.



Artigo

SOUZA, L.M. et al. Adesão dos profissionais de terapia intensiva aos cinco momentos de higienização das mãos. **Rev. Gaucha Enferm.** v.36, n.4, p.21-8, 2015. Disponível em: <
<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/49090/35654>>.
Acesso em: 25 out. 2016.

VALLE, A.R. et al. A biossegurança sob o olhar de Enfermeiros. **Rev. Enferm UERJ.** v.20, n.3, p.361-367, jul./set. 2012. Disponível em:
<file:///D:/Usu%C3%A1rios/FIPBH/Downloads/4108-15792-1-PB.pdf>. Acesso em 20
out. 2016.

